

editorial
editorial

entrevista
interview

artigos submetidos
submitted papers

tapete
carpet

artigo nomads
nomads paper

projeto
project

expediente
credits

próxima v!rus
next v!rus

V 14

issn 2175-974x | ano 2017 year

semestre 01 semester



Eduardo Rocha é Doutor em Arquitetura e Urbanismo, professor e pesquisador do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, e coordenador do Laboratório de Urbanismo. Estuda modos de vida e a produção de um desenho urbano voltado para as pessoas nas cidades.

Juan Manuel Diez Tetamanti é Doutor em Geografia, professor e pesquisador na Universidad Nacional de la Patagonia San Juan Bosco. Estuda geografia econômica e social, planejamento urbano e desenvolvimento.

Carolina Mesquita Clasen é artista visual e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. Estuda relações entre os espaços expositivos, urbanos e suas imanências.

Como citar esse texto: ROCHA, E.; DIEZ TETAMANTI, J. M.; CLASEN, C. M. Intervenção no bairro Dunas: por uma cartografia social dos encontros. V!RUS, São Carlos, n. 14, 2017. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/_virus14/?sec=4&item=4&lang=pt>. Acesso em: 04 Jul. 2017.

Resumo

Este artigo é produto do encontro e da experiência com cartografia social de grupos de pesquisa brasileiro e argentino, compostos de arquitetos e urbanistas com geógrafos, no Bairro Dunas, periferia da cidade de Pelotas, região sul do estado do Rio Grande do Sul, Brasil. A metodologia da Cartografia Social acompanhou a tecitura da cidade, as inter-relações do caso concreto do Bairro Dunas, linha-a-linha, na urdidura entre vida cotidiana, desejos, problemas, soluções e ações do poder público. O texto busca trazer à tona questões referentes ao método da Cartografia Social como a organização, a análise e as formas de aplicação, além de apontar para os aspectos emancipatórios e comunitários envolvidos no processo. Propõe-se que a Cartografia Social pode auxiliar a tecer a cidade, desfazendo a dicotomia centro-periferia na produção de novos espaços sociais, a partir de investigação-intervenção.¹

Palavras-chave: Cartografia social; Investigação-intervenção; Emancipação.

1 Introdução

Este artigo é fruto de muitos encontros. Encontros dos pesquisadores da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUrb) e Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo² (PROGRAU/Universidade Federal de Pelotas/UFPel) com os amigos do Instituto de Investigaciones Geograficas de la Patagonia³ (IGEPAT/Universidad Nacional de la Patagonia San Juan

Bosco/UNPSJB). Encontros dos centros de pesquisa com o Bairro Dunas, na cidade de Pelotas, da periferia com o centro. Encontros entre as pessoas. Bons encontros de um mundo que se abre e de forças que fazem pensar, que agenciam e constroem (DELEUZE, 2009). O texto tem um duplo objetivo: ilustrar parte da metodologia de aplicação de oficinas de Cartografia Social, com a intenção de sistematizar a tarefa científica em relação a este método, e descrever metodologicamente o processo de intervenção concreta no Bairro Dunas. Ambos estão justapostos e interconectados permanentemente.

Questiona-se: como, a partir desta experiência, é possível tecer reflexões metodológica de aproximação entre uma comunidade periférica e uma instituição de pesquisa? De que maneiras estão inter-relacionados centro e periferia?

Buscamos utilizar a Cartografia Social como tecitura visando desfazer a dicotomia centro-periferia, tecendo pistas na urdidura entre vida cotidiana, desejos, problemas, soluções e ações do poder público. Buscamos entender a cidade através da construção de linhas que se articulam entre conteúdo e expressão, agenciamento maquínico e coletivo, não mais opostas, mas inter-relacionadas e inseparáveis (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

Como resultado de encontros de trabalho, consideramos este aporte como um pequeno avanço que poderá ser refinado e melhorado a partir de novas experiências, tanto nossas como de colegas que desejem aproximar-se da aplicação da Cartografia Social como método de investigação e intervenção social.

2 Perfil de Pelotas e Bairro Dunas

A cidade de Pelotas (Fig.1) está localizada na região sul do Brasil, no estado do Rio Grande do Sul, às margens do Canal São Gonçalo que liga a Lagoa dos Patos e a Lagoa Mirim. Tem uma população de aproximadamente 350.000 habitantes, e dista 259 km de Porto Alegre (capital do Estado) e 560 km de Montevidéu (capital do Uruguai). Pelotas, como em geral as cidades médias na América Latina, produz uma periferia segregada e carente - fruto das políticas públicas e do planejamento do Estado - apoiada pela desigualdade social. A borda periférica não é excluída deste planejamento urbano, mas é a partir dessa inserção urbana crítica e segregadora que o Capital se fortalece.



Fig. 1: Mapa da localização de Pelotas no estado do Rio Grande do Sul e Brasil. Fonte: Os autores.

O Bairro Dunas (Fig. 2) é um exemplo típico de periferia de cidade média no Brasil. Utilizamos a expressão periferia tal como o fazem Nabil Bonduki e Raquel Rolnik (1979), ao afirmarem que periferias são as parcelas do território da cidade que têm baixa renda diferencial. Assim, este conceito ganha maior precisão e vincula, concreta e objetivamente, a ocupação do território urbano à estratificação social. O termo periferia assume, então, além de seu conceito geográfico de "o que está à margem", o conceito social de exclusão.

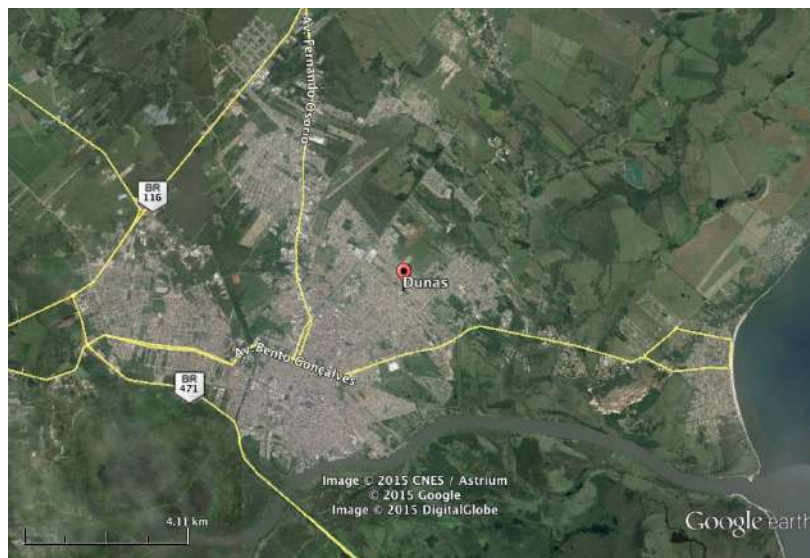


Fig. 2: Imagem Google da localização do Bairro Dunas na cidade de Pelotas. Fonte: Elaborado pelos autores com dados do mapa ©2015 Google.

Dunas tem sua origem em 1986 por uma ação do Poder Executivo municipal que destinou uma área de 60 hectares para a implantação de um loteamento. Hoje possui aproximadamente 20 mil moradores e é vizinho de outros bairros da periferia da cidade de Pelotas, como Areal e Bom Jesus. O nome do bairro, contraditoriamente, advém da vizinhança “murada” estabelecida com um Clube Social da “classe alta” da cidade (MEREZ, 2011; SOARES JUNIOR, 2011).

3 Cartografia Social como método dos encontros

Na perspectiva das Ciências Humanas e Sociais, a cartografia nasce do diálogo entre Michel Foucault e Gilles Deleuze com sua gênese na tradição nietzschiana. O esboço do método surge a partir das já conhecidas perspectivas de Foucault da arqueologia do saber, genealogia do poder e genealogia da ética. Os dois autores mantêm uma relação muito próxima com o campo da geografia – empregando termos como território, campo, latitude, longitude, paisagem, deslocamento, etc. – sempre no sentido de uma produção coletiva. O termo faz referência à ideia de mapa, que caracteriza o terreno de forma estática e extensa. Contrapõe-se à topologia quantitativa, ou seja, está disponível ao registro do acompanhamento das transformações, da captura de intensidades, decorridas no terreno percorrido e à implicação do sujeito percebido no mundo cartografado (FONSECA; KIRST, 2003). Ainda para Gilles Deleuze, em seu livro intitulado *Foucault: “Se há muitas funções e mesmo matérias diagramáticas, é porque todo diagrama é uma multiplicidade espaço-temporal. Mas, também, porque há tantos diagramas quanto campos sociais na História”* (1988, p. 44). Como se tramam as possibilidades cartográficas do encontro?

Além disso, a Cartografia Social é um método de construção coletivo, horizontal e participativo. Esta particularidade, que à primeira vista parece responder à moda atual dos métodos de intervenção e investigação, resgata os modos mais antigos de construção de mapas: os modos coletivos. Estes modos coletivos exercem força sobretudo em duas questões: inicialmente consideram banal o conhecimento do espaço (SANTOS, 1996), e o território como plural de modo que quem participa da “obra” do mapa possui saberes diversos sobre “o lugar”. Por outro lado, consideram coletivo e horizontal o resultado desse mapeamento, de modo que o processo de construção do mapa seja fruto de troca e debate. Tal processo implica em uma tarefa compartilhada, com forte troca de ideias, um debate sobre ações, objetos e conflitos, e, finalmente, um consenso. Isto é essencial, já que o mapa tradicional carece dessa passagem, sendo legitimado segundo quem o construiu por um saber técnico – seja acadêmico, governamental ou militar.

Neste sentido, é necessário resgatar a importância do “poder da cartografia”. Quem possui a informação sobre a localização dos objetos dispõe de ferramentas para comandá-los. Neste percurso, trabalhar com cartografia, incluindo a construção de mapas em si, permite, por um lado, não separarmos o vivido da construção de dados reais, e, por outro lado, no sentido da organização, localizar esses dados no mapa para lê-los no que poderíamos chamar de uma fotografia incompleta do terreno. No caso da Cartografia Social, essa fotografia é um filme coletivizado. Por ser dinâmico, sempre estará incompleto, mesmo quando for concluído. Não há final: o mapa é um relato dinâmico. Os mapas não somente representam o território cumprindo a função de familiarizar o sujeito com o entorno. O mapa também naturaliza a ordem das relações que lhe são permitidas com o espaço, cumprindo uma função ideológica. No sentido do que postula Montoya Arango (2007), reconhecer o mapa como uma mensagem social implica, por um lado, um trabalho de decomposição retórica e de metáforas cartográficas, e, por outro lado, um afastamento do pensamento positivista para ingressar na teoria social, desrespeitando os princípios de neutralidade e de objetividade de que se tem revestido o pensamento científico até agora.

Desligando-se da neutralidade e objetividade, o mapa da cartografia social é fruto de processos comunitários e de subjetivação. Desta forma, duplamente descentrados em agentes individuais e grupais, estes processos implicam o funcionamento das máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extra-pessoal (sistemas antropológicos) ou infra-humana (sistemas corporais, de percepção, de afeto) (GUATTARI; ROLNIK, 1999). O mapa da cartografia social é festivo e aparentemente caótico porque é dinâmico e vivo, em oposição ao solitário mapa dos institutos geográficos estatais. Isto não implica que um seja mais valioso que o outro. O que marca seus limites é uma diferença de gênese. Enquanto o mapa *tradicional* nasce normalizado, o social o faz consensuado. Enquanto o *tradicional* é trabalhado de modo vertical, o *social* é horizontal. Porém, ambos compartilham o poder da cartografia.

A Cartografia Social está vagamente organizada em seus elementos iconográficos e sua estrutura interna de desenho. A norma é consensuada entre os cartógrafos sociais e seu objetivo geral é determinado pelo problema a tratar. Esse objetivo pode ser um mapa sobre os conflitos do bairro, sobre a localização de recursos comuns, sobre problemas ambientais, sobre a distribuição de água na comunidade, etc.. Apontamos que as normas de construção do desenho, do mapa, são fruto de organização seletiva. O resultado final é difícil de sistematizar em modo gráfico, razão pela qual a obra final do mapa é acompanhada de uma explicação oral e, em algumas ocasiões, escrita. Isto faz com que o mapa em si seja um elemento inacabado, acompanhado por uma explicação oral que o completa. O mapa e essa explicação somente são realizados por quem construiu o mapa, constituindo o texto que referência o problema tratado inicialmente. Assim, é difícil sistematizar o mapa obtido na Cartografia Social, ao contrário dos modernos sistemas digitais de informação geográfica, que tentam sistematizar e ordenar todos os objetos e dados para, em seguida, gerenciá-los. Neste sentido, a gestão pode ocorrer em lugares distantes, o que implica um comando espacial externo, podendo gerar “espaços derivados”, nas palavras de Max Sorre (1947). Em definitivo, como nos diz Carballeda (2012), o território, como espaço de contenção de cenários sociais, pode apresentar-se de forma heterogênea, com distintas lógicas, diferentes formas de compreensão e explicação dos problemas sociais a partir dos próprios atores que o habitam.

A intervenção no território aproxima-se da noção de espaços micro-sociais e também da noção de cenário de intervenção. A partir disso, é possível compreender e explicar as diferentes expressões da questão social abarcando distintos ângulos, perspectivas e visões. Para Orlandi: “Na reconstrução conceitual deleuziana, o próprio encontro é pensado como conexão complexa, uma conexão que comporta linhas heterogêneas” (2014, p.10), na busca por uma Cartografia Social dos encontros.

4 Metodologia de intervenção

O grupo de trabalho, integrado por docentes, estudantes de graduação e pós-graduação da UFPel, considerou oportuno aplicar o seguinte dispositivo de trabalho no bairro: 1) Visitas aleatórias ao bairro (de bicicleta); 2) Entrevista inicial com um líder social local; 3) Planificação de um piloto para aplicar Cartografia Social, em acordo com os referentes sociais do bairro; 4) Divulgação da oficina de Cartografia Social pelos referentes locais; 5) Aplicação do piloto e realização de uma oficina de Cartografia Social no Comitê de Desenvolvimento do Dunas (CDD) e; 6) Devolução à comunidade.

4.1 Uma viagem em bicicleta

A experiência da viagem em bicicletas é transcendental para a investigação urbana. Poderíamos pensar que existem várias dimensões de cidade para serem percorridas. Diferentes *urbes* emergem a partir do ônibus, do carro, da bicicleta ou a pé. Diferentes aromas, contatos e trocas se sucedem ao deslocar-se utilizando meios variados. Na viagem, recordamos as palavras de Careri (2014) em *Walkscapes, ten years after*, quando diz que, na América Latina, andar significa enfrentar-se com muitos medos: medo da cidade, medo do espaço público, medo de infringir normas, medo de apropriar-se do espaço.

Como um ato crítico-metodológico, a viagem de bicicleta foi a ferramenta que nos permitiu “outra aproximação”, como rompimento, da cidade e posteriormente de Pelotas. Sem dúvida, “a viagem” faz parte da interação entre o emocional, o pessoal e o intelectual. Para Hammersley e Atkinson (1994), a reação pessoal se transforma através de análises reflexivas do conhecimento público pessoal. A viagem, no sentido de passagem, constitui também um elemento de “estar ali” remarcado nas técnicas etnográficas. Temor, ansiedade, vergonha, atração, amor, sedução – disse Guber (2001) – cabem em uma categoria sistematicamente negada pela investigação social.

O caminho entre a Universidade/FAUrb e o Bairro Dunas compreende uma distância de aproximadamente 6 quilômetros. A distância é suficiente para experimentar as desigualdades próprias de qualquer cidade média da América Latina. É suficiente para sobrepor usos residenciais, industriais, ruas quase vazias e avenidas cheias de veículos. Uma escola, uma rua de terra e uma pequena porta. A vizinha nos indica o Comitê de Desenvolvimento Dunas (CDD), onde encontramos dona Maria.



Fig. 3: Vista do CDD. Rua Um, Bairro Dunas. Fonte: Dados do mapa ©2015 Google.



Fig. 4: Vista a partir do CDD. Rua Um, Bairro Dunas. Fonte: Dados do mapa ©2015 Google.

4.2 Percorrendo o bairro

A entrevista inicial com Maria nos entusiasmou para continuar conhecendo o bairro e explorar seus territórios. Dois dias depois, entrevistamos uma professora, da escola primária que se encontra em frente ao CDD (Fig. 3 e 4). Ao passar pela porta de grade que separa a escola da rua principal do Dunas, um novo território parecia abrir-se, onde a dinâmica entre os professores e as crianças que ali se encontravam geravam uma aura de proteção. A professora que nos recebeu mostrava certa desconfiança. Aqui, os limites não são somente subjetivos ou discursivos, individuais ou coletivos, senão de desmaterialização das regulamentações físicas territoriais ou das simples observações. A que serve geógrafos ou arquitetos trabalharem sobre territórios que já estão revelados até por poderosos satélites militares, senão para chegar ao profundo da construção territorial dos sujeitos, em suas próprias divisões e convenções?

A viagem pelo bairro foi, assim, um vínculo permanente entre a sensação de medo, a intenção e o corpo. Maria nos havia oferecido um passeio pelo bairro a pé. – *Eu caminho até onde será a futura praça, depois não, porque mais ao fundo é perigoso* (MARIA, 2014). A menção do perigo é, no Brasil, uma permanente advertência para o caminhante. Para Ramiro Segura, existe, em relação ao medo, uma topologia que vai, em termos gerais, desde a intimidade e seguridade do espaço privado da casa até a inseguridade generalizada e anônima do espaço público da cidade (SEGURA, 2006).

A segmentação do espaço público, com os estratos temidos e perigosos, territorializa os medos, de modo geral, à borda da cidade. Enquanto caminhávamos pela avenida Ulysses Guimarães para “o fundo” do bairro, Maria saudava os vizinhos e nos contava sobre como o lugar havia sido ocupado inicialmente, sobre o processo de medição e alguns dos conflitos de

infraestrutura existentes até os dias de hoje. Chegamos até o centro geográfico do bairro. As divisões começavam e se aprofundam. – *Até aqui caminhamos, mas além eu não os acompanho. Essa parte do bairro prefiro não entrar porque é perigosa e tem muita gente que não conheço, não recomendo que entrem sozinhos aí* (MARIA, 2014). As palavras de Maria indicavam que a fronteira estava traçada. Regressamos ao CDD. O bairro Dunas já não era um retângulo no mapa.

4.3 Projeto da oficina

Quando realizamos uma oficina de Cartografia Social, damos especial ênfase a dois instrumentos: o dispositivo e o roteiro.

O dispositivo é a bateria metodológica que inclui todo o processo, desde o início do planejamento até o final da apresentação dos mapas realizados. Deste modo, o dispositivo inclui o planejamento das entrevistas iniciais e seu tipo; as entrevistas aleatórias e seu tipo; as observações e caminhadas pela área de trabalho; a sistematização da demanda e a elaboração de um programa de trabalho para essa demanda.

O roteiro é uma sequência de aspectos cartografáveis e referenciáveis com uma ordem cênica que possa ser sistematizada. Isto pode ser visto como uma "referenciabilidade" que colabora como guia com a construção do texto-mapa e com a leitura desse texto-mapa. O roteiro é o código simbólico que permitirá o desenho da Cartografia Social. Ao mesmo tempo, no roteiro se explicitam o objetivo do trabalho, os destinatários e tudo aquilo que se deseja socializar com os cartógrafos sociais. O trabalho de projeto do roteiro, que se encontra, como mencionamos, dentro do dispositivo de investigação-intervenção, é muitas vezes consensuado com os referentes locais, discutido, posto à prova e avaliado tanto dentro do laboratório como na organização que o convoca. Neste caso, o roteiro foi consensuado em duas oportunidades por integrantes do CDD e seus referentes. Assim, os pontos chave de intervenção e de interesse dos referentes interatuam com os interesses e objetivos que motivaram o trabalho no território.

O evento do projeto do roteiro é transcendental por pelo menos cinco motivos: a) a clareza de interpretação que permita a criação de mapas e sua legibilidade posterior; b) a interação entre o grupo acadêmico e o grupo social; c) a negociação de interesses entre estes grupos; d) a clareza de objetivos e intencionalidades dos agentes envolvidos, e e) a criação de pactos de privacidade, divulgação, etc..

Os motivos mencionados acima formam parte de um processo metodológico que se encontra em permanente discussão. Uma discussão criativa e comunitária que, neste caso particular, gerou o esquema de roteiro apresentado a seguir.

4.3.1 Objetivo

Cartografar o bairro Dunas com o propósito de pensar suas problemáticas no contexto da cotidianidade. Propôs-se traçar resoluções para estas problemáticas a partir da utilização dos elementos existentes no espaço geográfico.

4.3.2 População convidada

A projeção foi trabalhar com a população em geral, vizinhos do bairro e pessoas interessadas em fazer uma cartografia coletiva da comunidade, em conjunto com a comunidade.

4.3.3 Ação

Desenhar com diferentes cores (Tabela 1), na mesma folha, variadas temáticas, em grupo.

| | |
|-------------------------------|--|
| Parte 1 (cor preta) | Vamos desenhar o bairro Dunas. |
| Parte 2 (cor verde) | Coisas que acontecem no bairro no dia a dia (festas, vendedores ambulantes, brigas, ajudas, eventos, acontecimentos do cotidiano). |
| Parte 3 (cor vermelha) | Problemáticas. Quais são os problemas que encontramos no bairro? |
| Parte 4 (cor azul) | Resolução. Como resolver os problemas encontrados? |

Tabela 1: Momentos do desenho do mapa. Fonte: Autores, 2014.

Formaram-se dois grupos (Fig. 5 e 6) de aproximadamente sete integrantes cada um. Para a formação usamos a técnica de "pan y queso"⁴, entre um adulto e uma criança. Uma vez formados os grupos, foram dispostas folhas de papel no chão e canetas pretas, verdes, vermelhas e azuis em quantidade suficiente para que todos os integrantes pudessem desenhar.



Fig. 5: Primeiros momentos da oficina de Cartografia Social no CDD, Bairro Dunas. Fonte: Edu Rocha, 2014.



Fig. 6: Primeiros momentos da oficina de Cartografia Social no CDD, Bairro Dunas. Fonte: Edu Rocha, 2014.

5 Resultados obtidos

O mapa social se comporta como objeto-texto que solidifica uma imagem coletiva e consensuada, de cada memória e interpretação individual posta em cena ante uma situação comunitária. Ele é complexo e não pode ser separado de sua instância de produção. A partir dessa solidificação da memória e do intercâmbio de informação territorial, o mapa facilita a visualização das dinâmicas do passado e do presente, que fala das trocas e interpela o próprio cartógrafo social com essas trocas acontecidas e postas em cena.

5.1 A dinâmica de trabalho

O trabalho sobre o "chão" proporciona horizontalidade, ao mesmo tempo em que provoca uma outra sensação subjetiva do espaço. Esta situação convida os participantes cartógrafos sociais a ocupar um espaço novo que frequentemente não utilizam ou não experimentam desde a infância. O mapa em branco, o início e a discussão sobre "o que vamos fazer agora?" apresenta-se como uma intriga que se soma à nova situação espacial comunitária, onde todos os gestores estão na mesma situação espacial. Imediatamente, os referentes locais tomaram um lugar principal na organização do mapa. As mulheres referentes-chefes tomaram a posição de "explicadoras" do tema e da interpretação do "roteiro". Nesta situação inicial, foi interessante observar como as crianças prestavam atenção na nova situação de desenhistas sentados no piso e como tomavam partido desta cena, passando a governar um espaço que, para elas, é cotidiano: o espaço do jogo.

Enquanto o mapa seguia em branco, os referentes começavam a ordenar uma estrutura para a cartografia, de modo abstrato. Os elementos eram discutidos quanto à sua localização, relação e relevância. Primeiro, desenhou-se o CDD e, a partir desta referência, discutiram-se os elementos restantes.

5.2 Os corpos e o mapa

A partir da psicologia social, Patrícia Mercado (2002) nos diz do social que faz território no corpo, nos corpos, e encontra, não sem contradição, o modo de conservar e reproduzir sua própria vitalidade.

Os grupos de cartógrafos devem, como lema de trabalho, desenvolver o desenho no chão (Fig. 7 e 8). Isto implica que todos os integrantes trabalhem à mesma altura e em um espaço que “expõe” a totalidade do corpo ante o resto. A cena de trabalho que geralmente se frequenta, onde o torso e a cabeça estão descobertos e desde a cintura até os pés permanecem ocultos em uma situação estática, é modificada. Agora o corpo está despregado do solo, apoiado em múltiplos setores e, para realizar o desenho, cada integrante deve mover-se ou modificar sua postura. Há uma resistência ao colocar-se em uma situação de jogo sem suporte material, tal como uma cadeira, uma mesa ou uma estante. No Dunas, os referentes locais, assim como em outras experiências, preferiram inicialmente adotar a mesma situação corporal, ficando de cócoras ou em pé. O solo é horizontal, igualitário e expositivo. Daqui, a importância de tentar que se aceite grupalmente a localização neste lugar.

A comunicação entre os corpos e a palavra vai aprofundando-se à medida que o mapa requer consenso e acordos. Os corpos falam e as palavras desenham. Um novo texto vai sendo composto entre as observações, as discussões e o intercâmbio de informações que constroem o mapa.

O agenciamento com Alberto Sava (2009) aponta a formação de sujeitos sociais baseada desde uma estrutura de linguagem verbal, o que reafirma a atenção para o corpo e a palavra. A observação e abordagem do corpo são, sem dúvida, indispensáveis na Cartografia Social. Não há texto final sem corpo e não há mediação completa sem corpo.



Fig. 7: Momento de relação horizontal e das formas de enunciar processos na oficina de Cartografia Social no Bairro Dunas. Fonte: Edu Rocha, 2014.



Fig. 8: Momento de relação horizontal e das formas de enunciar processos na oficina de Cartografia Social no Bairro Dunas. Fonte: Edu Rocha, 2014.

5.3 Os mapas

A realização do mapa coletivo implica em um processo de intercâmbio de informações territoriais que constitui um dos elementos mais ricos da Cartografia Social. Esse intercâmbio de informações territoriais se realiza em função: a) da memória

territorial; b) do território vivido, e c) do território argumentado.

Sobre a memória territorial, o mapa se comporta como objeto que solidifica uma imagem coletiva e consensuada de cada memória individual posta em cena ante uma situação comunitária.

Sobre o território vivido, o mapa em geral é um intercâmbio de experiências, sensações, juízos, localizações e relações que são postas em discussão grupal, o que incorpora a visão de "outros" na construção de um cenário mapeado. O território vivido é, ao mesmo tempo, a fonte do desenho e o consenso.

O território argumentado implica que cada um dos integrantes aplique, de modo individual, um argumento de território a representar no mapa. Esse argumento é posto em debate coletivamente e é validado ou não. A argumentação individual é permanentemente posta em jogo.

Os mapas do Dunas (Fig. 9 e 10) iniciaram-se com o desenho do CDD como epicentro. Dunas, enquanto bairro, organizou-se como parte "apartada" da cidade de Pelotas. Os limites do bairro incluíram tanto elementos físicos e tangentes, quanto os de caráter simbólico, como temor e identidade.

Foram destacados como problemáticos os elementos da baixa disponibilidade comunitária do espaço de uso comum e a violência dos espaços de usos comum.

Paradoxalmente, os dois pontos implicam em um conflito entre espaços de uso comum e espaços públicos. A baixa disponibilidade comunitária de espaços de uso comum se refere principalmente à inexistência de uma praça, de espaços fechados para o "lazer" e à demora da execução de obras por parte da prefeitura.

Os espaços públicos e comuns, tanto ruas como praças, apresentaram-se como argumentos para indicar limites marcados pelo temor de circular, pelo abandono da infraestrutura e pela separação entre uma racionalidade urbana para Pelotas e outra para o bairro Dunas.

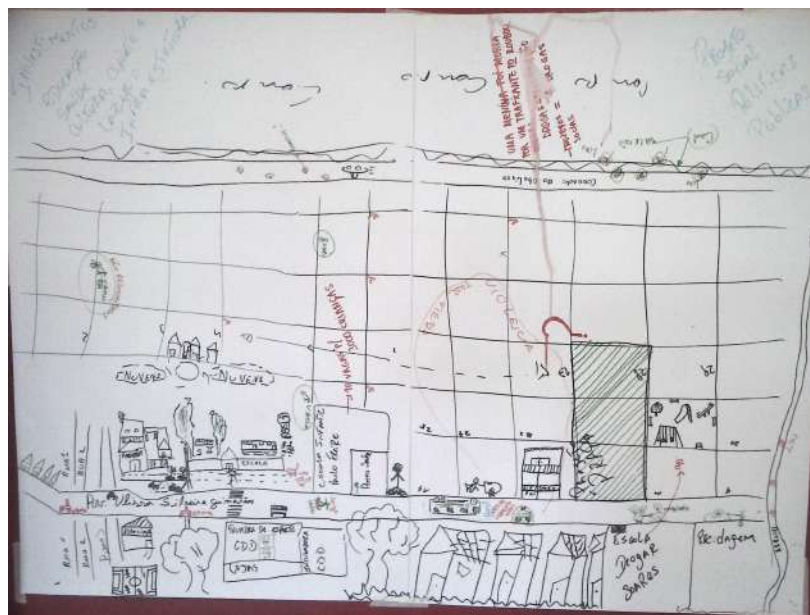


Fig. 9: Mapa produzido na oficina de Cartografia Social no Bairro Dunas. Fonte: Edu Rocha, 2014.

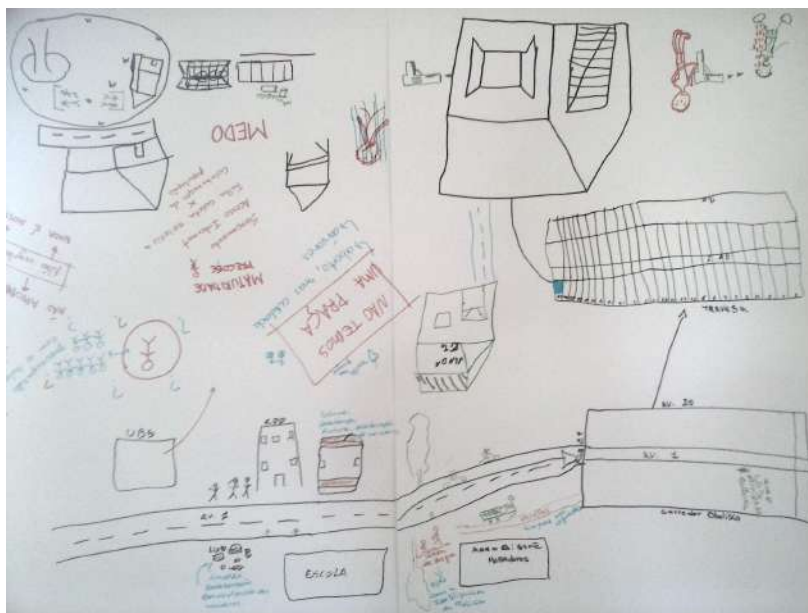


Fig. 10: Mapa produzido na oficina de Cartografia Social no Bairro Dunas. Fonte: Edu Rocha, 2014.

5.4 Apresentação do mapa e discussão final

A apresentação dos mapas abordou os temas indicados acima. O problema da violência no espaço público marcou o argumento de um território de conflito. Ao mesmo tempo, assinalou-se, em várias oportunidades, que não existem possibilidades claras de se encontrar soluções aos problemas levantados. – *São problemas que nos extrapolam, que não tem que ver somente com o bairro, senão que vêm da política do país, da prefeitura [...] Nós o que podemos fazer além disso? Nós organizamos muitas vezes, porém o problema é que sentimos que não nos escutam.* (fragmento da apresentação do mapa).

As problemáticas mapeadas ampliaram o texto numa discussão sobre os conflitos territoriais, a dificuldade da enunciação coletiva em grupos de trabalho e uma revisão histórica de processos participativos em momentos de maiores carências de infraestrutura - quando a população torna-se mais participativa.

A apresentação e discussão final ampliam os temas e geram aspectos impensados inicialmente como problemáticas. Por exemplo, o desenho de um assassinato em um dos mapas gerou um debate sobre o espaço comum para as crianças - a oferta de oficinas comunitárias no CDD e a participação da escola. A pergunta "existe um mapa para as crianças e outro para os adultos?" sugeriu a necessidade de se aprofundar a demanda das crianças sobre espaços comuns, os quais não necessariamente devem ser físicos.

6 Conclusões

A cartografia como método emancipador coloca o desafio de se produzirem heterotopias. Estes lugares [as heterotopias] são absolutamente diferentes, opostos, e enunciam contra-posições possíveis, emergindo "uma espécie de contestação simultaneamente mítica e real do espaço em que vivemos" (FOUCAULT, 2001, p.416).

Assim formas de existência e de subjetividades são deformadas, em um exercício de liberdade, não como abstração, mas como prática concreta.

A estratégia cartográfica permite escapar ao decalque, à cópia, à reprodução e à repetição de si mesmo, tornando possível a singularização, a produção de si mesmo a partir de novas estéticas da existência. O caso apresentado no artigo possibilita um avanço na organização dos aspectos mais relevantes em relação tanto à aplicação como à sistematização de oficinas de Cartografia Social. Deste modo, podemos afirmar que estas experiências cartográficas extrapolam os mapas, dando conta de um processo de produção coletivo, e reforçando uma estrutura integral de cartografia como elemento de poder e da Cartografia Social.

Neste sentido, a análise dos mapas, que se concentram na memória territorial, no território vivido e no território argumentado, marca, sem dúvida, um novo espaço de representação gráfica. Uma representação gráfica que não decalca as configurações topológicas produzidas pelas formas da terra, mas que representa um entremeado complexo das configurações mentais que emanam de uma discussão e de um consenso (Fig. 11 e 12).

Talvez o espírito do rizoma nos interconecte, levando-nos inevitavelmente a novos lugares e a espaços sociais mais justos, criando esse "novo" coletivamente. Mapas assim construídos são produtores de subjetividades⁵ intertextuais, propiciadas pelas travessias tecidas menos pelo extra-material e mais pela corporalidade, constituindo novos discursos e possibilidades. Esse investimento de travessia pressupõe proximidades e distanciamentos em sua urdidura. Tais incursões pela diversidade de formas de expressões, da periferia ao centro e vice-versa, resultam em forças transformadoras, nas quais o mapa da Cartografia Social aparece como um corpo dividido, abrangendo inacabadamente outros corpos, criando novas configurações.

Gilles Deleuze diz que “o *gestus* é o desenvolvimento das atitudes nelas próprias, e, nessa qualidade, efetua uma teatralização direta dos corpos, frequentemente bem discreta, já que se faz independente de qualquer papel” (1990, p. 231).



Fig. 11: As crianças e os mapas. Fonte: Edu Rocha, 2014.



Fig. 12: Cartaz de divulgação da oficina. Fonte: Edu Rocha, 2014.

7 Referências

BONDUKI, N. G.; ROLNIK, R. Periferia da Grande São Paulo: reprodução do espaço como expediente de reprodução da força de trabalho. In: MARICATO, E. (Ed.). **A produção capitalista da casa [e da cidade] no Brasil industrial**. São Paulo: FAU/USP, 1979.

CARBALLEDA, A. J. M. Prólogo. In: **Cartografía social. Investigación e intervención desde las ciencias sociales, métodos y experiencias de aplicación**. [s.l.]: Ed. Universitaria de la Patagonia, 2012.

CARERI, F. Walkscapes ten years after. URBS. **Revista de Estudios Urbanos y Ciencias Sociales**, v. 4, n. 1, p. 207-213, 2014. Disponível em: <<http://www2.ual.es/urbs/index.php/urbs/article/view/careri>>.

DELEUZE, G. **Cinema 2: A Imagem-Tempo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

DELEUZE, G. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Ed. 34, 2009.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. v. 4. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DIEZ-TETAMANTI, J. M. D.; ROCHA, E. Cartografía Social Aplicada a la Intervención Social en Barrio Dunas, Pelotas, Brasil. **Revista Geográfica de América Central**, v. 2, n. 57, 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/8897>>.

FONSECA, T.; KIRST, P. **Cartografia e devires: a construção do presente**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

FOUCAULT, M. **Ditos e escritos**. v. 3. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. Petrópolis: Vozes, 1999.

GUBER, R. **La etnografía: Método, campo y reflexividad**. Buenos Aires: Ed. Norma, 2001.

HAMMERSLEY, M.; ATKINSON, P. **Etnografía: Métodos de investigación**. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1994.

LEITE, J. F.; DIMENSTEIN M. Mal-estar na psicologia: a insurreição da subjetividade. **Revista Mal-estar e subjetividade**, Fortaleza, v. 2, n. 2, 2002. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1518-61482002000200002>.

MARIA. **Entrevista**. [2014]. Entrevistador: Juan Manoel Diez-Tetamanti. Pelotas, 2010. 1 arquivo .mp3 (120min).

MERCADO, P. Cuerpo y acontecimiento. **Revista Topía**, Buenos Aires, n. 34, 2002.

MEREB, H. **Loteamento Dunas e sua microfísica de poder**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.

MONTOYA ARANGO, V. El mapa de lo invisible. silencios y gramática del poder en la cartografía. **Revista Universitas Humanística**, n. 063, Bogotá, 2007.

ORLANDI, L.B.L. **Um gosto pelos encontros**. [s.l.]: s.n., 2014. Disponível em: <<http://deleuze.tausendplateaus.de/wp-content/uploads/2014/10/Um-gosto-pelos-encontros-Artigo-de-Luiz-Orlandi1.pdf>>.

SANTOS, M. **De la totalidad al lugar**. Barcelona: Ed. Oikos-tau, 1996.

SAVA, A. El cuerpo, en el teatro participativo y en el arte como transformador subjetivo, institucional y social. **Revista Topia**, Buenos Aires, n. 57, 2009.

SEGURA, R. Territorios del miedo en el espacio urbano de la ciudad de La Plata: efectos y ambivalencias. **Revista Question**, La Plata, s.n., 2006.

SOARES JUNIOR, C. **Teatro do Oprimido na Comunidade: a práxis em dois bairros periféricos da cidade de Pelotas**. 2011. TCC (Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Teatro), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.

SORRE, M. **Les fondements de la géographie humaine**. v. 3. [s.l.]: Colin, 1947.

¹Este artigo constitui uma ampliação e revisão do texto: DIEZ-TETAMANTI; ROCHA, 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/8897>>.

²<http://prograu.ufpel.edu.br/>

³<http://www.igeopat.org/>

⁴Ver mais em: <http://locapormi.blogspot.com.br/2006/09/cmo-jugar-al-pan-y-queso.html>

⁵"[...] autores como Foucault, Deleuze e Guattari apresentaram grandes contribuições ao refletirem a questão da subjetividade, especialmente pela crítica radical que teceram sobre os modos hegemônicos de seu tratamento. Puderam lançar

luz no debate e o fizeram destacando o caráter processual e produtivo da subjetividade, possibilitando, portanto, sua desnaturalização” (LEITE; DIMENSTEIN, 2002, p.23).